

O Canto do Claustro¹

Gustavo NAKAO²

Lucas MEYER³

André Azevedo da FONSECA

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

RESUMO

O Canto do Claustro é um curta-metragem desenvolvido a partir de referenciais estéticos da Arte Barroca e elementos sonoros da música Gótica, para expressar e desenvolver as temáticas envoltas no Transtorno de Ansiedade e Depressão. De cunho metafórico e polissêmico, a trama se constitui em uma história ficcional da personagem Santi, que tenta resolver um grande conflito na vida dela. Como resultado, observamos uma diversidade de interpretações do mesmo enredo pela audiência, demonstrando o caráter aberto da obra e evidenciando a sintonia que leva as experiências individuais a construir novos caminhos a partir do roteiro, sem perder a expressão do sentimento que originou o filme.

PALAVRAS-CHAVE: Audiovisual, Cinema, Psicologia, Imaginário Individual, Semiótica, Arte.

1 INTRODUÇÃO

Cinema é sonho. Sonho iluminado que perdura na memória e no tempo. Aliás, esse conceito é mais do que um termo poético, ele abrange o âmbito das ciências, pois o cinema só é possível por um fenômeno do olho humano denominado visão persistente, o qual se caracteriza por uma permanência de qualquer imagem iluminada mostrada aos olhos por mais alguns décimos de segundos. Isso quer dizer que cada fotografia do cinema não desaparece até a outra aparecer. (BAECQUE, 2010).

Quando os irmãos Lumière fizeram a primeira projeção pública em 1895 eles não imaginavam as potencialidades catárticas do cinema: até então só se via o valor documental da invenção do kinetoscope, espécie de projetor rudimentar. Georges Méliès, no entanto,

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria IV Cinema e Audiovisual, modalidade CA01 Filme de ficção (avulso)

² Aluno líder do grupo e estudante do 3º Ano do Curso de Jornalismo. Email: gustavominho1@gmail.com

³ Estudante do 4º Ano do Curso de Jornalismo. Email: lucas@muvk.com.br

percebeu nessa arte uma possibilidade de encantar (Méliès também era um famoso ilusionista) e proporcionar sensações.

Muito antes do cinema, a pintura já havia desenvolvido complexos estudos sobre luz, cor e sombra. A consciência das potencialidades da dicotomia pictórica foi explorada a fundo durante o movimento Barroco (final do século XVI e meados do século XVIII), principalmente nas explorações herméticas de Caravaggio de encontrar e produzir o ermo mais denso da luz e contrasta-lo com a vibração extrema da cor (PROENÇA, 2010).

O canto gótico, por sua vez, também buscava na dissonância encontrar a harmonia. Permeado de uma complexidade maior para a época, evoluindo da monofonia tradicional românica para uma polifonia nascitura, mas que já abrangia uma técnica específica de contracanto, fenômeno, no qual uma nota inicia a música e algum tempo depois uma outra ou similar passa a integrar a melodia (PROENÇA, 2010).

Assim como as vanguardas artísticas, o curta-metragem carrega consigo uma esperança latente de transformação. Com definição convencionalizada basicamente só pelo tempo, aceita-se que a obra audiovisual finalizada em até 25 minutos aceita o cargo de curta-metragem e os sonhos dos muitos cineastas que desejam ingressar nas produções cinema. Por conta das dificuldades técnicas um pouco mais afrouxadas, assim como as menores exigências de equipe e recursos financeiros, na maioria dos casos, o curta-metragem é majoritariamente produzido por jovens querendo desenvolver essa forma de comunicação e explorar sentimentos e histórias comuns ao imaginário coletivo.

Com a efervescência tecnológica, as ferramentas necessárias para novas produções cinematográficas tornaram plausíveis os sonhos de cinema. Quando as possibilidades do desejo são concretas, as experimentações são imensuráveis. O curta-metragem, então, torna-se esse formato propício para ensaios autorais e desenvolvimento das aptidões de novos cineastas. Grandes nomes da sétima arte iniciaram a carreira com curtas, os quais muitas vezes acabavam se perdendo dentro das extensas filmografias, no entanto, esses primeiros filmes, ainda assim, assumiam o encargo de precursores nas jornadas desses profissionais históricos, tais como François Truffaut, Tim Burton, Quentin Tarantino, Martin Scorsese, Christopher Nolan, Wes Anderson, Stanley Kubrick (KEMP, 2011).

2 OBJETIVO

O Canto do Claustro leva com ele mais do que o nosso desejo de produzir cinema pela arte. Logo de início, buscamos desenvolver um projeto audiovisual para expressar uma experiência catártica da realidade dos Transtornos de Ansiedade e Depressão, tal como define BECK (2012). O filme propõe uma imersão metafórica e sentimental nessas patologias psicológicas.



3 JUSTIFICATIVA

Assim como descrito por Aristóteles na obra “Arte Poética”, a arte possui uma significação especial para o ser humano, capaz, além de provocar o belo, discutir e produzir sentimentos que aliviem, de algum modo, a dor (COTRIM, 2006). O filme, então, possui esse acordo teleológico implícito de gerar identificação com as pessoas afetadas desses transtornos psicológicos (Transtorno de Ansiedade e Depressão) e dessa forma causar compreensão, primeiro passo para busca de um tratamento.

Vivemos em uma realidade midiática em que a felicidade é vendida compulsoriamente. O consumismo emplacado em quase todos os discursos ideológicos ratifica uma consciência ansiosa e preocupada. Sentimos então uma necessidade de abordar e discutir publicamente essas patologias com um enfoque destoante dos grandes veículos comunicativos. Dar representatividade para aqueles que sofrem desses transtornos e levar o debate sobre o tema para quem apenas assiste ao filme como uma obra ficcional pura.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O processo completo do curta durou quase um ano, começamos a desenvolver o conceito a ser explorado no começo de fevereiro de 2015, para isso, aprofundamos os estudos das patologias e também uma análise sobre o medo. Os estudos se desenvolveram com conversas e entrevistas com psicólogos e pacientes, além de uma pesquisa mais acadêmica sobre as diversas teorias sobre o inconsciente e as formas de encadeamento do mente. Essas pesquisas partiram, a princípio, de uma iniciativa externa de Gustavo Minho Nakao, estudante de jornalismo na Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Nagomi Kishino, atriz cinematográfica que já havia participado de outras produções, inclusive o curta-metragem Mister H, dirigido por Bernard Payan, coordenador da comissão de curtas metragens do Festival de Cannes entre 2005 e 2013.

Baseado nesses estudos, o argumento do roteiro foi escrito. O roteiro em si, veio logo depois, tomando como referencia estrutural “O Sétimo Selo” (1957) de Ingmar Bergman, filme no qual dois personagens dialogam em parte significativa do enredo sobre questões que permeiam temas como medo e morte. Alinhado a isso, Lucas Meyer, também estudante de jornalismo na UEL, começou um estudo sobre cor e disposições de luz e

sombra no cinema. Tomamos como similaridade estética os filmes “Anticristo” (2009) de Lars von Trier, “O Abutre” (2014) de Dan Gilroy e o modo de construção da luz das pinturas barrocas de Caravaggio.

Além disso, levamos em consideração leituras sobre cromoterapia e outras significações sobre a cor e decidimos por uma fotografia com o ponto central na coloração azul. Entre outras acepções, além de ser um pigmento frio, possui a inferência semântica de tristeza e solidão. Em testes de estúdio, utilizando uma Nikon D810, luz pontuada branca e de fundo azul, luz fluorescente e gelatinas de dois tons de azul, optamos por construir a fotografia com temperatura de cor de 3600k e em cenas, quase todas, sem movimento de câmera e ângulos baseados nos do filme *Ida* (2014) de Paweł Pawlikowski.

Em meados de Junho, o roteiro estava finalizado após onze tratamentos, revisões, nas quais os diálogos, construção das cenas e outras melhorias no estrutura do enredo foram aperfeiçoados para tornar a trama polissêmica; para que cada pessoa que assistisse ao filme conseguisse inferir um enredo particular baseado nas próprias vivências anteriores.

As gravações foram agendadas para duas diárias, uma dia 17 de Julho e a outra 04 de Agosto. O Canto do Claustro foi rodado nesses dois dias frios com uma equipe de dez pessoas formada quase integralmente por estudantes universitários. Ao foram 32 horas de set, as quais geraram um conteúdo de aproximadamente 64 GB. As extensas diárias de filmagem são justificadas por conta da escolha de um processo de produção mais analógico, captação de som direto, coloração pelas fontes de luz, textura e propriedades das lentes, essas foram escolhidas baseadas nas características específicas e reações estéticas que elas causam, isto é, pouco foi deixado para ser resolvido na pós produção.

Essa última parte, demorou mais alguns meses para ser finalizada, a montagem foi feita nos moldes do roteiro, seguindo uma trama descontínua e fragmentada, com cenas se ligando mais por seu conteúdo do que por sua forma. A montagem foi articulada a partir da trilha sonora composta por Melissa Dias, estudante de música da UEL, priorizamos, assim, o ritmo do filme para a elaboração mais sensível do clímax. Ainda na pós-produção, o único processo feito foi a mixagem e edição do som, acentuando detalhes e imagens sonoras. Não foi preciso fazermos correção de cor ou qualquer outro tipo de edição da fotografia, por conta do nosso processo mais artesanal de filmagem, as imagens foram captadas com as mesmas condições de luz e temperatura.

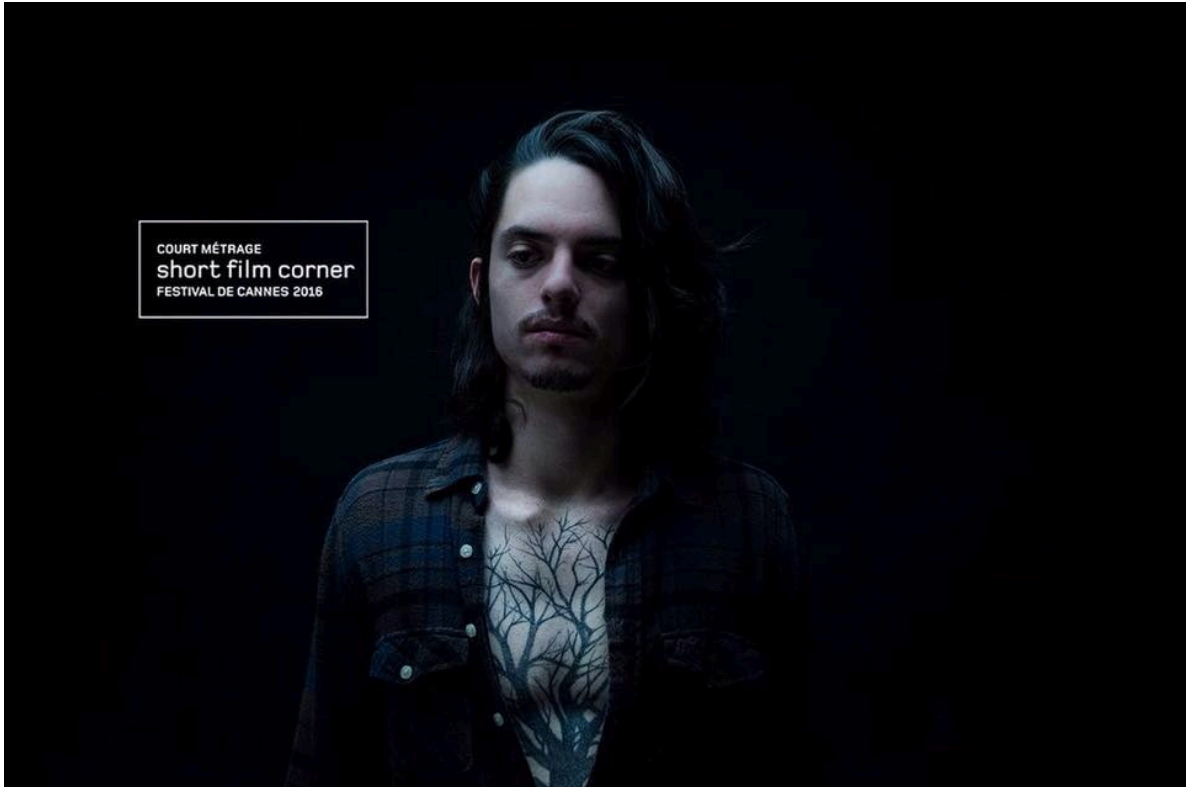
5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O Canto do Claustro é um curta-metragem de 12 minutos e 15 segundos, elaborado por estudantes universitários para levar a discussão sobre Transtorno de Ansiedade e Depressão para fora do âmbito convencional mostrado pela grande mídia. No filme, esses temas são explorados metaforicamente e sinestesticamente, misturando elementos sonoros, dramáticos e imagéticos. Além disso, a estrutura do roteiro foi desenvolvida para sustentar as múltiplas interpretações de cada pessoa que assistir ao filme. A polissemia se faz presente desde o começo do filme, nos diálogos abertos e nas cenas de diferentes semânticas. A compreensão póstuma exibição do filme é variável, mas sempre carrega um pouco do sentimento original da trama. Comprendemos que essa é uma qualidade de uma obra aberta, tal como propõe Eco (2013).

6 CONSIDERAÇÕES

Após finalizar o último corte do filme, reunimos alguns cineastas, jornalistas, amigos e familiares e realizamos uma pré-estreia sigilosa, sem divulgação e sem revelar muitas informações sobre o filme, muito menos sobre os aspectos polissêmicos presente na obra. Constatamos, então, durante a conversa após o filme, diversos relatos e hipóteses a respeito do enredo, buscas por interpretações e possibilidades para o futuro e origem dos personagens. Por fim uma discussão com histórias e experiências pessoais ou de outros sobre a vivência de sentimentos parecidos com aqueles mostrados no curta tomou enfoque no cinema. Com isso, novos ramos do roteiro que não tínhamos previsto nas especulações prévias do roteiro surgiram e um sentimento de catarse se empoderou na conversa.

Levando em consideração tudo isso, percebemos as reais potencialidades do cinema para afetar a vida das pessoas. Movidos por essa confiança da pré-estreia, nos aventuramos a inscrever O Canto do Claustro em diversos festivais de cinema. No dia 7 de abril deste ano descobrimos que nosso filme foi aceito pelo Festival de Cannes para a mostra *Short Film Corner*, um evento dedicado a curtas e novos talentos no cinema.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAECQUE, Antoine. **Cinefilia: invenção de um olhar, história de uma cultura, 1944-1968.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BECK, Aaron. **Terapia Cognitiva para os Transtornos de Ansiedade,** Artemed, 2012
COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia: História e Grandes Temas,**São Paulo, Saraiva, 2006

ECO, Umberto. **Obra aberta.** 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

JUNG, Carl G.. **O homem e seus Símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Edição, 2008.

KEMP, Philp. **Tudo sobre cinema.** Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

PROENÇA, Graça. **História da Arte.** São Paulo: Editora Ática S. A., 2010

TOUBIANA, Serge. **François Truffaut.** Paris: Flammarion, 2014